

## Prefácio

### Bachelard e Freud: a Fenomenotécnica e a Psicanálise

Quando nos propomos a refletir sobre os modos como a Psicanálise consegue realizar novos conhecimentos sobre a vida humana e sua atividade psíquica, é inevitável percorrermos o terreno das discussões sobre a relação entre a Psicanálise e a Ciência. Isto ocorre, em grande parte, porque tal tema foi tratado pelo próprio Freud em diferentes trabalhos e em diferentes momentos da construção de seu pensamento, como será mostrado mais adiante neste prefácio.

Freud preocupava-se em defender não só que seu pensamento e sua experiência davam origem a uma teoria coerente dos processos anímicos, mas também como esta teoria era dotada de pertinência *científica*. Inaugura-se, neste momento, um campo (muitas vezes de batalha) no qual se debate a qualificação dos postulados freudianos e tenta-se definir de qual lado da fronteira a Psicanálise teria direito de possuir seu passaporte: da ciência ou dos saberes não-científicos.

Este prefácio não tem como objetivo, no entanto, realizar um mapa desta discussão ou um plano de guerra, mas sim falar de um encontro que se dá neste campo, encontro que tem a característica de imprimir um tom amistoso ao debate. Daí um dos interesses em se aproximar Freud de Bachelard e observar o diálogo possível entre os dois.

Ambos concordam com o fundamento segundo o qual conhecer é um bem. Freud abominava o misticismo (Freud, 1933), e Bachelard era também radicalmente contra tudo o que lembrasse o primitivismo do espírito pré-científico (Bachelard, 1991; 2005). Além disso, tanto Freud como Bachelard tomam a técnica como marca fundamental da Ciência, o que possibilita que novos saberes sejam alcançados. É através de um domínio da técnica correta e de sua associação com o pensamento que a Ciência pode progredir, conhecer e formular novos objetos (Bachelard, 1978a; Freud, 1933a, 1940).

Enquanto a preocupação de Freud nesta discussão é apresentar sua concepção de como a Ciência funciona – o que é feito em 1914, no texto “Introdução ao narcisismo”, 1915, em “A pulsão e suas vicissitudes” e principalmente na conferencia 35, em 1933 –, argumentando que as técnicas de

uma ciência e sua articulação com uma racionalidade específica são determinantes para que um saber seja considerado científico, não fica claro, contudo, de que modo aconteceria a transição entre a técnica e a racionalidade a ela atrelada, ou, dito de maneira diferente, como se passaria da técnica à teoria.

Nos artigos técnicos escritos por Freud entre 1911 e 1915, há a tentativa de descrição das medidas que devem ser tomadas pelos psicanalistas para que a teoria se torne possível, verificável e tenha efeitos terapêuticos (Freud, 1904; 1911; 1912a; 1913; 1914a; 1915a). Além disso, na medida em que a teoria freudiana se modificou, houve reformulações também da técnica, ainda que seu aspecto geral não tenha se modificado (Freud, 1937a; 1937b; 1940). Em Freud, como será mostrado mais adiante, a técnica constitui o preceito básico a partir do qual as doutrinas científicas podem se erigir e ser estabilizadas.

Bachelard, por sua vez, preocupa-se em realizar o que ele chama de uma “psicanálise do conhecimento” (Bachelard, 2005). Sua filosofia tenta demarcar a cisão entre o conhecimento comum e o conhecimento científico, estabelecendo como método de trabalho da descoberta científica a polêmica e um eterno questionamento do saber adquirido, com o objetivo de aprofundar-se na busca de erros. A ciência seria, para ele, eterna recusa e dúvida do conhecimento estabelecido.

A epistemologia, por seu turno, existe para (e tem como função primordial) prevenir e auxiliar os cientistas contra a falta de domínio da realidade, o que seria o grande empecilho ao avanço da ciência. Esta seria designada, “devido às suas descobertas revolucionárias, como uma liquidação de um passado” (Bachelard, 1991, p. 69), já que a ciência, para ele, devido à sua própria essência, não é nunca causa de regressão do saber; ela se orienta, do contrário, sempre em direção a um progresso manifesto, e sua história, em razão disso, é positiva, sempre na direção de um aumento de conhecimento, de modo que a compreensão torna-se cada vez mais melhorada. “A temporalidade da ciência”, segundo Bachelard, “é um crescimento do número das verdades, um aprofundamento da coerência das verdades. A história das ciências é a narrativa deste crescimento, deste aprofundamento.” (Bachelard, 1991, p. 72)

A ciência, por este motivo, pode ser causa de estagnação quando o pensamento é mal conduzido, porém ela nunca é motivo de retrocesso. Faz-se mister, então, evitar toda e qualquer possibilidade de erro, equívoco ou má

condução do pensamento, para que os obstáculos ao conhecimento sejam ultrapassados e o percurso progressivo da ciência não se interrompa.

A delimitação de Bachelard do que constitui uma Ciência parte, como em Freud, da ideia de que toda e qualquer teoria, para ser científica, deve estar atrelada e depende de uma técnica específica que possibilite a emergência e a aproximação de um objeto (Bachelard, 2005; 1991; Freud, 1933a; 1940). Todo objeto científico existe somente quando em ligação estreita com uma técnica que o fabrica, e que torna factível e legítimo seu descobrimento posterior, além de garantir a coerência interna das doutrinas científicas. Este objeto a ser conhecido tem seus limites definidos pelo procedimento que o tornou possível. Podemos dizer, então, que Bachelard torna inteligível a posição de Freud, e a esclarece quanto à relação que teriam a técnica e a teoria psicanalíticas. Para dar conta deste argumento, Bachelard parte do conceito de fenomenotécnica, tratado mais cuidadosamente a seguir.

### **A Fenomenotécnica em Bachelard**

Bachelard deixa bastante claro, como afirmado anteriormente, que para a empresa científica ser possível haverá a exigência de que se estabeleçam normas para a produção científica, bem como a necessidade da construção de uma racionalidade adequada à prática científica e de uma postura ideal do pensamento que a acompanha. Segundo ele,

“(...) a verdade científica é uma predição, ou melhor, uma predicação. Chamamos os espíritos à convergência anunciando a novidade científica, transmitindo ao mesmo tempo a uma só vez um pensamento e uma experiência, ligando o pensamento e a experiência numa verificação: *o mundo científico é portanto nossa verificação*. Acima do *sujeito*, além do *objeto* imediato, a ciência moderna funda-se no *projeto*. No pensamento científico, a mediação do objeto pelo sujeito toma sempre a forma de projeto.” (Bachelard, 1978a, p. 96).

Para que este projeto seja bem sucedido, para que haja o encontro do sujeito com o fato científico – que não se confunde com o objeto imediato, encontrado na Natureza –, o dever da ciência, para Bachelard, deve ser regulado por um estatuto rigoroso, e é ao desenvolvimento deste estatuto que sua obra se propõe.

Somente a partir da atividade científica haveria a necessidade e a possibilidade de se definir o objeto, de fazer corresponder um conceito a um fenômeno. O espírito científico é o único que tem a capacidade de realizar tal tarefa, pela união estreita da experiência e da razão. Esta união só é possível pela incorporação das condições de aplicação de um conceito no próprio sentido do conceito, para que se possa chegar a novas variações e provas experimentais de um fenômeno. As condições de aplicação passam, então, a ser parte integrante e fundamental da teoria. Em outras palavras, Bachelard nos diz que

“na experiência, [o espírito] procura ocasiões para *complicar* o conceito, para *aplicá-lo*, apesar da resistência deste conceito, para realizar as condições de aplicação que a realidade não reúne. É então que se percebe que a ciência *constrói* seus objetos, que nunca ela os encontra prontos. A fenomenotécnica *prolonga* a fenomenologia. Um conceito torna-se científico na proporção em que se torna técnico, em que está acompanhado de uma técnica de realização” (Bachelard, 2005, p. 77).

O cientista moderno, então, esforça-se para limitar seu campo experimental para assim definir um fenômeno sobre o qual buscará suas variações. Este aspecto do procedimento científico difere do pensamento pré-científico, que não limita seu objeto, e que logo após a conclusão de uma experiência apresta-se em generalizá-la a diversos domínios. No entanto, como o ideal de limitação seria predominante atualmente, a objetividade do conhecimento é determinada pela coerência e exatidão dos atributos do conceito, o que torna possível a afirmação de que “o conhecimento a que falta precisão, ou melhor, o conhecimento que não é apresentado juntamente às condições de sua determinação precisa, não é conhecimento científico” (Bachelard, 2005, p. 90).

Se o grande trunfo científico da filosofia de Bachelard é o conceito, este só pode ser criado e desenvolvido a partir do que o francês chama de *fenomenotécnica*, traço distintivo de uma *tecnociência*. Pois, para Bachelard, toda ciência é necessariamente uma *tecnociência* (Bachelard, 2005), e considera o real como uma realização, não como algo presente na Natureza: os fatos científicos são produtos da técnica, e não objetos encontrados na realidade de apreensão imediata.

Este conceito de *fenomenotécnica* é elaborado nos trabalhos de Bachelard durante as décadas de 1920 e 1930, em seus primeiros escritos epistemológicos,

tais como *Estai sur la connaissance approchée*, de 1928, *O novo espírito científico*, em 1934 e *A formação do espírito científico*, de 1938. Apesar de não ser uma noção que figura entre os escritos ou pensamentos epistemológicos mais comentados de Bachelard, como o de “corte epistemológico”, a fenomenotécnica se faz como um dos conceitos organizadores de toda sua “epistemologia histórica”, como a chama Dominique Lecourt (2006). Ainda que em uma perspectiva do processo científico a filosofia de Bachelard se assemelhe a uma “praxeologia do conhecimento científico” (Rheinberger, 2005, p 315), muito da dinâmica das ciências ascende ao primeiro plano quando nos aproximamos de seus objetos considerando-os como tecnofenômenos.

A problemática em torno desta ideia de Bachelard envolve a relação entre ciência e tecnologia, ou entre ciência e técnica, e revela como ambas as dimensões estão presentes e dependem uma da outra na invenção – ou construção – dos objetos científicos. Este conceito tem como meta

“a concepção da tecnologia não como um subproduto eventual da atividade científica, como um produto derivativo através do qual a ciência se manifesta na sociedade, mas como constitutiva do próprio *modus operandi* científico contemporâneo. Na medida em que o modo de ação tecnológico está engajado no cerne do empreendimento científico, o próprio objeto tecnológico adquire uma função epistêmica” (Rheinberger, 2005, p. 315).

Em outras palavras, a técnica é parte fundamental da prática científica, sem a qual a ciência não seria possível, pois é desta junção, desta associação entre o espírito científico e a técnica que os fenômenos científicos podem ser não descobertos, mas criados, inventados, construídos. *A atividade científica de nossa época seria entendida a partir de Bachelard, então, como o preparo conceitual de fenômenos tecnicamente constituídos.* Nas palavras de Bachelard,

“(…) é a realização do racional na experiência física que teremos de destacar. Esta realização que corresponde a um realismo técnico parece-nos um dos traços distintivos do espírito científico contemporâneo, bem diferente sob este aspecto do espírito científico dos últimos séculos, bem distante particularmente do agnosticismo positivista ou das tolerâncias pragmáticas, e sem relação, enfim, com o realismo filosófico tradicional”(Bachelard, 1978a, p. 104).

O que se tem como consequência deste pensamento é que aquilo que tende a ser percebido ou entendido como um fato – como algo dado, um evento qualquer que é parte integrante do mundo – começa a ser entendido, a partir deste

ponto de vista, como o resultado de todo um circuito constitutivo deste objeto, circuito este que é ao mesmo tempo material e racional, “humano e não-humano” (Latour, 2000). Os tecnofenômenos são, na realidade, *entidades teoricamente investidas*. O saber científico não deriva dos sentidos, daquilo que se pode ver claramente e sem intermediários, mas depende inteiramente do aspecto técnico posto em jogo para que se reúnam todas as condições necessárias para o progresso do conhecimento. Os fatos são sempre produto de um *trabalho* científico. Haveria uma solidariedade entre método e experiência, ou, dito de outro modo, é necessário que se conheça o método de conhecimento para que se possa alcançar o objeto a ser conhecido (Bachelard, 1978b). Nas palavras de Bachelard, “a verdadeira ordem da Natureza é a ordem que nós colocamos tecnicamente na Natureza” (Bachelard, 1978b, p. 155).

Os procedimentos de invenção, de colocação desta ordem na Natureza são, por sua vez, entendidos como multifatoriais, e, na medida em que o objeto científico é resultado destes procedimentos, ele encontra-se inserido e depende dos recursos técnicos que possibilitaram sua existência. Como a construção deste circuito do qual o fato científico depende acontece de maneira dialética, torna-se impossível também afirmar ou definir um ponto de início de todo o processo, tanto do lado racional quanto do lado fenomênico dos eventos. (Rheinberger, 2005).

Em um belo parágrafo, Bachelard assim resume o que ele pensa a respeito da empresa científica:

“Entre o fenômeno científico e o númeno científico, já não se tem mais uma dialética distante e ociosa, mas um movimento alternativo que, após algumas retificações dos projetos, tende sempre a uma realização efetiva do númeno. A verdadeira fenomenologia científica é portanto essencialmente uma fenomenotécnica. Ela reforça o que transparece por trás do que aparece. Ela se instrui pelo que constrói. A razão taumatúrgica traça seus quadros segundo o esquema de seus milagres. A ciência suscita um mundo, não mais por uma impulsão mágica imanente à realidade, e sim por uma impulsão racional, imanente ao espírito. Depois de ter formado, nos primeiros esforços do espírito científico, uma razão à imagem do mundo, a atividade espiritual da ciência moderna empenha-se em construir um mundo à imagem da razão. A atividade científica realiza, em toda a força do termo, conjuntos racionais” (Bachelard, 1978a, p. 107).

No entanto, para que seja possível a construção de um conceito e, conseqüentemente, de um conhecimento, deve ocorrer uma ruptura entre o

conhecimento comum, vulgar, e o conhecimento científico, e esta ruptura estabelece uma fronteira entre um “antes” e um “depois” da racionalidade científica. A racionalidade pré-científica ainda não se encontra modificada pelo que Bachelard chama de “materialismo técnico”, ou seja, a noção de uma realidade transformada pelo racionalismo, e que carrega, conseqüentemente, sua marca (Rheinberger, 2005). Além disso, a ciência ainda deve enfrentar criticamente as oposições e resistências a ela direcionadas, para que possa romper com o saber já constituído, que então se apresenta como *obstáculo*.

Sendo assim, o rigor científico só é possível se o espírito científico realizar constantemente uma severa autocrítica para evitar erros, através de uma eterna “psicanálise” do conhecimento objetivo. O termo “psicanálise”, entretanto, é utilizado aqui com o sentido de depuração e exame rigoroso dos equívocos possíveis do espírito, com a ambiciosa meta de se alcançar uma perfeição da objetividade. Para que seja possível alcançá-la, deve ocorrer todavia uma ruptura entre o conhecimento comum, vulgar, e o conhecimento científico. O pensamento pré-científico está pois “associado à noção de ‘opinião’, que ‘pensa mal’, ‘não pensa’, ‘traduz necessidades em conhecimento’. A ciência constitui-se, assim, sempre ‘contra’ o obstáculo constituído pela opinião” (Stengers, 2002, p. 36).

A experiência científica, então, vai de encontro à experiência comum e a contradiz, pois o pensamento científico baseia-se não no real, mas no artificial, na abstração que permite uma crítica racional do experimento, e que se origina daquilo que o encontro do espírito científico e a técnica possibilita. O acúmulo de verdades acontece, assim, através de um movimento *contra* um conhecimento anterior e necessariamente mal estabelecido por não dispor de elementos metodológicos adequados, cujo destino é ser ultrapassado, destruído. Para que este saber anterior seja destituído de valor, porém, deve-se recorrer sempre à crítica. Por consequência, em Bachelard esta crítica é uma constante no desenvolvimento do conhecimento científico, o qual pensa sua evolução em termos de superação de obstáculos inerentes ao ato de conhecer.

A ciência, conseqüentemente, tem como maior obstáculo a opinião, pois esta impede o conhecimento dos objetos ao designá-los pela utilidade e tomá-los como fatos. O conhecimento científico, ao contrário, é construído. Ele nunca é dado, nunca é um fato, é sempre a resposta a uma pergunta. É absolutamente necessário, portanto, que ela seja formulada a partir de problemas imbuídos de um

*sentido* para que haja produção de saber científico. É o esforço da racionalidade técnica que transforma a experiência comum em experiência científica, pois, ao não se satisfazer com aquilo que confirma seu saber, o espírito científico questiona a experiência e pode dialetizá-la, buscando nela variações e não apenas uma eterna repetição do mesmo:

“Precisar, retificar, diversificar são tipos de pensamento dinâmico que fogem da certeza e da unidade, e que encontram nos sistemas homogêneos mais obstáculos do que estímulo. Em resumo, o homem movido pela espírito científico deseja saber, mas para, imediatamente, melhor questionar” (Bachelard, 2005, p. 21)

O pensamento próprio da ciência deve, pois, encontrar-se sempre em um estado de mobilização, ser dinâmico e ter uma postura aberta para poder dialetizar todas as variáveis experimentais. Como a crítica não pode intervir direta nem explicitamente na primeira experiência, esta não pode constituir-se como base de conhecimento verdadeiro, e sim como obstáculo. A primeira experiência é informação advinda diretamente e sem qualquer mediação da Natureza, grande inimiga do progresso do conhecimento: “o espírito científico deve formar-se *contra* a Natureza, contra o que é, em nós e fora de nós, o impulso e a informação da Natureza, contra o arrebatamento natural, contra o fato colorido e corriqueiro” (Bachelard, 2005, p. 29).

Para que estas funções da crítica possam ser cumpridas, entretanto, é preciso detectar os obstáculos epistemológicos, realizar uma “regulação cognitivo-afetiva indispensável ao progresso do espírito científico” (Bachelard, 2005, p.24). Ou seja, o pensamento deve se afastar do conhecimento sensível para que possa se mobilizar e questionar as experiências. E este afastamento só ocorre na ciência instrumentada, que consegue por isso transcender a “ciência da observação natural” (Bachelard, 1978b, p. 20). Para o autor, há uma ruptura fundamental entre a observação e a experimentação, já que a primeira é sempre um obstáculo inicial, impregnada de imagens difusas, e criadora da ilusão de que sua descrição já é compreensão. Daí, neste primeiro momento, o pensamento dever abandonar o empirismo imediato e adotar um sistema que permita uma aproximação metódica do objeto, que, para Bachelard, passa pela utilização de instrumentos e técnicas pensados e construídos em função deste objeto. O sentido

do problema, contudo, não pode ser perdido jamais, pois é ele que fundamenta uma experiência fecunda, que a liga à teoria.

Para que esta conexão seja possível, ao invés de buscar uma variedade de fenômenos – como fazia o pensamento pré-científico – a postura científica provoca a variação do fenômeno. O conceito é bem definido e tenta-se objetivar suas variáveis e testar sua sensibilidade através de procedimentos técnicos previamente concebidos. O fenômeno, assim, fica mais bem compreendido e o objeto bem demarcado pode ser cercado com um rigor crescente pelo conhecimento. Este processo só pode acontecer, porém, se o produto da definição for artificial, distante da Natureza e de um empirismo evidente e colado nas imagens, sempre inconsistentes. Só quando o espírito se debruça sobre um conceito construído é que lhe é possível examinar os aspectos essenciais a este e orientar o exame para as variações possíveis e as abstrações matemáticas que garantem o valor de verdade do conhecimento científico.

Eis a tarefa do espírito científico: extrair o abstrato do concreto, purificar tudo aquilo que se encontra na realidade antes desta realidade ser confrontada com os dispositivos técnicos que funcionam como um “conjunto de regras que presidem à sua *purificação*” (Bachelard, 1978b, p. 37). Para que tal tarefa possa ser cumprida, é necessário um constante recurso de construção racional bem explícita juntamente a um equacionamento racional da experiência, determinado pela formulação de um problema. Nas palavras de Bachelard:

“É preciso então reavivar a crítica e pôr o conhecimento em contato com as condições que lhe deram origem, voltar continuamente a esse ‘estado nascente’ que é o estado de vigor psíquico, ao momento em que a resposta saiu do problema. Para que, de fato, se possa falar de *racionalização da experiência*, não basta que se encontre *uma razão para um fato*. A razão é uma atividade psicológica essencialmente politrópica: procura revirar os problemas, variá-los, ligar uns aos outros, fazê-los proliferar. Para ser racionalizada, a experiência precisa ser inserida num jogo de *razões múltiplas*” (Bachelard, 2005, p. 51).

A definição do contexto e do objeto científico através de uma racionalidade tecnicamente fundamentada faz com que também a função do cientista fique mais bem delineada, permitindo que ele estabeleça uma distância entre sua vida sentimental e sua vida científica. A mentalidade pré-científica é que mistura o observador e o objeto, e tem extrema dificuldade de romper com a

concretude do fenômeno e a intuição do observador, poluindo assim o primeiro conhecimento com afetos e, conseqüentemente, com erros.

Assim como os afetos levam as primeiras observações ao erro, outras posturas do espírito prejudicam a evolução da ciência ao provocarem uma suspensão da experiência. Por isto “a psicanálise do conhecimento objetivo deve examinar com cuidado todas as seduções de facilidade. Só com esta condição pode-se chegar a uma teoria da abstração científica verdadeiramente sadia e dinâmica” (Bachelard, 2005, p. 69).

Vê-se como a questão da técnica e sua ligação com os fenômenos ou fatos científicos encontram-se presentes ao longo do pensamento de Bachelard. No início com a delimitação do conceito de *fenomenotécnica* e de *tecnociência*, e posteriormente através da explicitação de como esta *fenomenotécnica* torna-se fundamental para que um corte epistemológico ocorra, ou como o espírito científico deve ser auxiliado por instrumentos e uma racionalidade que inclua estes últimos para que possa romper com o conhecimento do senso comum. O tema da técnica aparece em primeiro plano ao longo da produção de Bachelard.

Esta problemática, porém, era agora associada ao racionalismo científico, entendido como tendo em seu cerne (e possibilitando sua atividade criativa) exatamente estes dispositivos técnicos e instrumentos dos quais dispõe o cientista moderno. Vejamos agora o contexto da discussão sobre a cientificidade da Psicanálise e o ponto de vista freudiano, para que fique claro como o pensamento de Bachelard pode ser de grande auxílio para a Psicanálise nesta questão.

### **A Psicanálise é uma *Naturwissenschaft*?**

Se Bachelard tinha como meta o estabelecimento da fronteira entre a ciência e a não-ciência, e para isso utilizou-se dos conceitos de fenomenotécnica e tecnociência, Freud encontrava-se preocupado em defender a Psicanálise e garantir a ela um espaço entre as disciplinas científicas. Sua posição em relação à dúvida se a psicanálise poderia ou não ser considerada uma ciência manteve-se consistente ao longo de toda sua vida, defendendo que a Psicanálise era uma *Naturwissenschaft* – uma Ciência Natural –, devido ao modo pelo qual ela se utilizava de uma técnica específica para realizar a pesquisa de seu objeto, o

Inconsciente (Freud, 1914b; 1923; 1933a; 1940). Não fazia sentido, para ele, pensá-la fora dos domínios deste tipo de Ciência.

Nos textos em que discutiu claramente a posição que a Psicanálise teria com relação às ciências – como é o caso do primeiro parágrafo da “Introdução ao Narcisismo”, em 1914, o início de “Pulsões e seus destinos” de 1915 e a conferência 35, no ano de 1933 –, o metapsicólogo revelou uma concepção clara sobre a produção de saber na ciência, articulando-a de maneira coerente à sua metodologia de investigação dos processos psíquicos, cujo valor considerava inestimável (Freud 1940) – para ele, a prova de cientificidade da Psicanálise era justamente seu procedimento de investigação.

Também em sua conhecida definição de Psicanálise escrita para uma enciclopédia em 1923, Freud não deixa dúvidas quanto à Psicanálise ser uma Ciência, nem quanto ao papel fundamental da técnica nas descobertas psicanalíticas. Assim segue o início do artigo:

“Psicanálise é o nome: 1) de um procedimento que serve para indagar sobre processos anímicos dificilmente acessíveis por outras vias; 2) de um método de tratamento de perturbações neuróticas, fundado sobre esta indagação, e 3) de uma série de intelecções psicológicas, alcançadas por este caminho, que pouco a pouco se foi constituindo em uma nova disciplina *científica*” (Freud, 1923, p. 231, grifo meu)

Esta publicação marca a Psicanálise como sendo simultaneamente técnica, tratamento e teoria, mostrando que os ganhos terapêuticos e o valor dos conteúdos científicos dependem da técnica aplicada. Ao longo do artigo, Freud preocupa-se em enumerar as mudanças técnicas que sua disciplina sofreu desde os primórdios, e é importante notar que os primeiros itens desenvolvidos no escrito são de caráter técnico, como a mudança do método catártico para a Psicanálise, a “regra técnica fundamental” (Freud, 1923, p 234), a associação livre, a interpretação dos sonhos e dos atos falhos. Só depois de dar conta destes aspectos é que Freud começou a esclarecer os aspectos teóricos de sua disciplina científica, para posteriormente delinear suas aplicações, terminando com uma declaração a respeito da pertença da Psicanálise à Ciência:

“a Psicanálise não é um sistema como os filosóficos, que partem de alguns conceitos básicos definidos com precisão e procuram englobar com eles todo o universo, após o qual não resta espaço para novas descobertas e melhores intelecções. Mas sim adere aos feitos de seu campo de trabalho, procura resolver

os problemas imediatos da observação, segue tateando na experiência, sempre inacabada e sempre disposta a corrigir ou variar suas doutrinas. Igual à química ou a física, suporta que seus conceitos máximos não sejam claros, que suas premissas sejam provisórias, e espera do trabalho futuro sua melhor precisão” (Freud, 1923, p. 249)

No entanto, se o que Freud pensava sobre o estatuto científico da Psicanálise pode levantar algumas questões, é importante considerar que sua visão sobre a produção científica começou a ser construída enquanto ele próprio se encontrava imerso em um ambiente de domínio das Ciências Naturais. Se nos lembrarmos de sua trajetória, veremos, pois, que sua educação formal de médico e pesquisador deu-se em meio às pesquisas acadêmico-científicas do fim do século XIX. Sua formação continuou no Laboratório de Fisiologia da Universidade de Viena, onde desenvolveu pesquisas experimentalmente controladas, o que certamente fez com que ganhasse bastante intimidade com os procedimentos investigativos da produção científica de sua época (Gay, 1989).

Além disso, é preciso compreender também o contexto alemão da época para que se possa apreender os tipos de ciência em vigor em seu ambiente cultural e científico. Apesar de Freud não fazer nenhuma referência direta às discussões vigentes sobre as definições de Ciência, ocorria, no final do século XIX e início do XX, um debate na Alemanha que ficou conhecido como “A querela dos métodos”, cuja questão central eram as condições de possibilidade do conhecimento tanto nas Ciências da Natureza quanto nas recém-surgidas Ciências do Espírito.

Considerava-se haver basicamente dois tipos de objeto para o saber: os naturais e os históricos ou culturais. Entre um e outro, entre o “natural” e o “humano”, haveria uma diferença ontológica que exigiria o emprego de métodos diversos em seu estudo (Mezan, 2007). O método das *Naturwissenschaft* baseava-se, assim, na explicação (*erklären*), e tinha como meta a explicação dos fenômenos através do modelo investigativo da Física de Galileu e Newton, enquanto as *Geisteswissenschaften* tinham como fundamento a interpretação e a compreensão (*verstehen*), buscando compreender os acontecimentos através da hermenêutica.

Nas Ciências da Natureza, um indivíduo ou grupo de indivíduos era tomado como exemplo de toda sua categoria por possuir a capacidade de englobar

em si toda a classe de seres à qual pertence: o indivíduo, aqui, encontra-se inteiramente identificado com a totalidade de sua espécie. Era preciso apreender, conseqüentemente, o que haveria de universal no espécime, e não o que ele poderia apresentar como singular ou individual. Ora, para que esta exploração fosse possível, a Natureza precisava ser entendida como dotada de constância confiável para dar a garantia de que o experimento repetido fosse igual ao anterior.

Tudo muda nas Ciências dos Espíritos, pois a investigação sobre o domínio propriamente humano revela a inadequação dos procedimentos das Ciências da Natureza: cada “objeto” apresenta individualidade própria irreduzível a uma classe no sentido atribuído ao termo pela Ciência da Natureza (Mezan, 2007). Para dar conta da singularidade de um indivíduo ou grupo, como as civilizações, as obras de arte, os sistemas políticos e econômicos, dentre outros, parecia ser necessário interpretá-los para compreendê-los (*verstehen*), ou seja, penetrar em seu sentido, “(...) transcrever o individual sem dissolvê-lo em qualquer mediação conceitual” (Assoun, 1983, p. 47). E o método para realizar tal empreendimento era a hermenêutica, a qual permitiria a compreensão profunda dos fenômenos ao invés de sua explicação.

Contudo, se a *Naturwissenschaft* atinha-se aos juízos de realidade, as *Geisteswissenschaften* acabavam fazendo uso de juízos de valor (Assoun, 1983): as interpretações das Ciências do Espírito apresentavam preconceitos ideológicos em suas análises e refletiam o eurocentrismo da época, chegando mesmo a revelar a xenofobia de nações em relação a outras (Mezan, 2007).

Assoun (1983) argumenta que Freud defendia ser a Psicanálise uma Ciência da Natureza por estar inscrito em uma tradição científica que não admitia a possibilidade de se fazer outro tipo de ciência que não Ciência da Natureza: Freud “(...) não conhece outra forma de ciência” (Assoun, 1983, p. 48). Para o metapsicólogo, a cientificidade só poderia advir da adoção das normas e procedimentos propostos pela Ciência da Natureza, os quais garantiriam a reflexão neutra e racional sobre os dados coletados durante a observação atenta e cuidadosa, tendo em vista uma maior precisão dos conceitos. Ora, o método proposto pelas Ciências do Espírito tinha não a observação, mas valores *a priori* como base do conhecimento, o que anulava toda e qualquer possibilidade de exercício da racionalidade científica. Daí Freud conceber a atividade do

cientista/psicanalista como um árduo trabalho de obtenção de dados e lapidação dos conceitos através da colaboração contínua e constante entre a observação e a teorização, seguindo os procedimentos da Ciência da Natureza.

Justamente para especificar a relação que existiria entre esta observação e a formulação de uma teoria posterior, Freud afirma ser absolutamente necessário haver contextos, perguntas e ideias prévias que orientem a observação. Esta, por consequência, nunca será pura, pois a própria descrição do material obtido já é influenciada por ideias abstratas. Será num segundo momento que uma aproximação organizadora deste material poderá ocorrer (Freud, 1915a; Bachelard, 2005). Ou seja, neste primeiro passo para a definição de seu objeto, a atividade científica necessita que haja um sentido para o problema proposto, conforme a noção de Bachelard. É este sentido que, ao associar-se com uma técnica, tornará possível a formatação de uma racionalidade científica (Bachelard, 2005).

Tal ponto de vista freudiano está presente no início de seu artigo *Pulsões e suas vicissitudes*, de 1915. Diz ele que

“o verdadeiro início da atividade científica consiste na descrição de fenômenos que são em seguida agrupados, ordenados, e correlacionados entre si. Além disso, é inevitável que, já ao descrever o material, apliquemos sobre ele algumas ideias abstratas obtidas não só a partir de novas experiências, mas também oriundas de outras fontes. Tais ideias iniciais – os futuros conceitos básicos da ciência – se tornam ainda mais indispensáveis quando mais tarde se trabalha sobre os dados observados. No princípio, as ideias devem conter certo grau de indefinição, e ainda não é possível pensar em uma delimitação clara de seu conteúdo. Enquanto elas permanecem neste estado, podemos concordar sobre seu significado remetendo-nos repetidamente ao material experiência a partir do qual elas aparentemente foram derivadas; contudo, na realidade, este material já estava subordinado a elas. Em rigor, estas ideias possuem o caráter de convenções. Entretanto, é preciso que não tenham sido escolhidas arbitrariamente, e sim determinadas pelas relações significativas que mantêm com o material empírico” (Freud 1915a, p. 145).

Os argumentos que Freud utiliza para justificar sua posição recaem também sobre critérios metodológicos, da mesma maneira que os debates em curso entre as ciências naturais e as do espírito e da epistemologia de Bachelard. Há, portanto, uma etapa anterior à observação e à experimentação, na qual participam ideias abstratas que têm sua origem nas mais variadas fontes. O sentido do problema ao qual a racionalidade científica busca resposta apresenta-se neste período inicial da construção do conceito. São estas ideias que, mesmo sem

uma delimitação ou definição clara, guiarão as observações, as descrições dos fenômenos e as conclusões posteriores, por mais que pareça que estas últimas surgiram do material advindo da experiência. Nenhuma observação pode ser pura, dependendo sempre de alguma referência que permita a interpretação e o trabalho sobre o material empírico, e mesmo a coleta deste material. Neste modo de pensar, a pesquisa é o instrumento principal, e é entendida como “(...) a elaboração intelectual de observações cuidadosamente escolhidas” (Freud 1933a, p.156). A metodologia psicanalítica tem como função principal, segundo Freud (1923) e Bachelard (2005), realizar esta mediação entre o sentido do problema, os dados coletados a partir daí e sua posterior organização, ou seja, a criação de uma racionalidade e uma teoria específicas.

Somente através deste procedimento poder-se-ia construir um conhecimento acerca do universo, já que para Freud a ciência exigiria a separação das ilusões e dos aspectos emocionais, não podendo contar com outras fontes de conhecimento, como a intuição, a revelação ou a adivinhação (Freud, 1933a). À ciência caberia o papel de crítica constante, apresentando sempre objeções e refutações, e sustentando o ceticismo frente aos conteúdos que surgem. Isto permitiria que ela permanecesse em mudança e atualização incessantes, resultando no aperfeiçoamento de seus fundamentos. Nas palavras de Freud, “enquanto não compreendermos nada não conseguiremos nada tampouco” (1910a, p .133). Além disto, “todo progresso de nosso saber significa um aumento de poder para nossa terapia” (1910a, p. 133). Para Freud, portanto, a eficácia terapêutica da Psicanálise é dependente do volume e da qualidade de conhecimento acumulada.

O conhecimento sobre o fenômeno do Inconsciente, objeto psicanalítico, só é possível, no entanto, sob observância dos procedimentos técnicos desenvolvidos por Freud ao longo de sua vida. Sua técnica sofreu modificações desde sua parceria com Breuer, passando pela utilização da hipnose e do método catártico, até que se estabilizou com a criação e a utilização de novos dispositivos técnicos que permitiriam uma aproximação do Inconsciente. Criou-se, assim, a regra da associação livre, a escuta flutuante, o uso do divã, a interpretação dos sonhos, a transferência e a resistência – todos instrumentos teóricos que possibilitam o trabalho e a pesquisa psicanalíticos. Esta técnica, portanto, como Freud afirma nas Cico Conferências sobre Psicanálise, não é evidente (1910c), e tinha como objetivo garantir o acesso ao Inconsciente tanto para o enfermo quanto

para o analista, além de poupar esforços ao segundo (1910b). Como Freud escreveu nos seus artigos sobre a técnica, é a união da associação livre com a atenção flutuante que garantiria a escuta e a apreensão correta do Inconsciente do paciente (1912b). Ou seja, estes dois artificios técnicos – a regra fundamental e a escuta flutuante – permitem a mediação entre as ideias anteriores, que fornecem o sentido do problema, e os dados advindos da observação clínica. Somente assim poderia ser realizado o estudo das ocorrências convocadas na associação livre, dos sonhos, atos falhos e sintomáticos e sua posterior associação a um conceito (1912b; 1913; 1940).

Vê-se que a ideia de ciência, e do modo através do qual ela é capaz de produzir um conhecimento do mundo, está, para Freud, estreitamente vinculada ao desenvolvimento rigoroso de pesquisa, à metodologia *própria* de cada ciência e às técnicas de que elas dispõem para alcançar uma correspondência com a realidade exterior, recorrendo sempre à observação. O procedimento da psicanálise, então, para alcançar novos conteúdos que auxiliem o entendimento, faz uso de “métodos técnicos de preencher as lacunas existentes nos fenômenos de nossa consciência” (Freud 1940, p.226). Ele ainda afirma que

“fazemos uso destes métodos exatamente como um físico faz uso de sua experiência. Desta maneira, inferimos certo número de processos que são em si mesmos ‘incognoscíveis’ e os interpolamos naqueles que são conscientes para nós” (Freud 1940, p.226).

Em outras palavras, a psicanálise possui métodos técnicos *específicos a sua prática*, que desempenham a mesma função que a experiência na Física. A psicanálise conta com a *sua* técnica, com a formação de conceitos e com a formulação de hipóteses, o que, em suma, lhe conferiria a capacidade de elaborar novos conhecimentos acerca do funcionamento do psiquismo humano.

Este compromisso fundamental entre teoria, técnica e uma nova racionalidade científica (tomados como traço essencial da produção científica) pode ser encontrado em toda uma linhagem de pensadores da ciência a partir Gastón Bachelard, além dos trabalhos do próprio Freud. É exatamente esta argumentação que dá sentido à busca de elementos teóricos em sua filosofia, para a qual os fenômenos observados pelas ciências em geral não podem ser pensados de maneira dissociada da técnica que os torna possíveis. Tal raciocínio, como

vimos, aproxima-se bastante da posição freudiana a respeito da capacidade legítima da Psicanálise de produzir um conhecimento científico acerca da vida anímica através de seus procedimentos técnicos.

Não é à toa, portanto, que após a constituição da IPA em 1910 (Mijolla, 2005), Freud tenha dedicado mais tempo e trabalho para definir com clareza, em artigos e conferências, os preceitos e fundamentos de seu procedimento. Isto está claro na série dos artigos sobre a técnica, entre 1911 e 1915, e em algumas comunicações anteriores, tais quais as Cinco Conferências Sobre Psicanálise (1910c), e a abertura do 2º Congresso Internacional de Psicanálise, também em 1910, com o artigo “Perspectivas futuras da terapia psicanalítica” (1910a). Era preciso que a técnica estivesse bem estabelecida como intermediária fundamental entre a contextualização das questões psicanalíticas e a teoria, que tanto a definiria como seria definida por ela. Só assim o progresso e o posterior acúmulo de conhecimento da Psicanálise estariam garantidos, podendo, então, ser aberto com segurança o campo para a descrição metapsicológica sistemática do seu modelo de psiquismo, realizada após 1915 – exatamente o ano do último dos artigos sobre a técnica, “Notas sobre o amor de transferência (Novos conselhos sobre a técnica da Psicanálise)” (Freud, 1915b).